

LAWRENCE WRIGHT

A prisão da fé

Cientologia, celebridades e Hollywood

Tradução

Laura Motta

Denise Bottmann



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Lawrence Wright

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Going Clear: Scientology, Hollywood and the Prison of Belief

Capa

Marcos Kotlhar

Foto de capa

Dan MacMedan/ WireImages/ Getty Images

Preparação

Silvia Massimini Felix

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Valquíria Della Pozza

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wright, Lawrence

A prisão da fé : cientologia, celebridades e Hollywood / Lawrence Wright ; tradução Denise Bottmann, Laura Motta. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Going Clear : Scientology, Hollywood and the Prison of Belief

ISBN 978-85-359-2284-4

1. Cientologia 2. Cientologia — Doutrinas 3. Hubbard, L. Ron, 1911-1986 I. Título.

13-05397

CDD-299.936

Índice para catálogo sistemático:

1. Cientologia : Religião 299.936

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Introdução</i>	9
-------------------------	---

PARTE I

CIENTOLOGIA

1. O convertido.....	17
2. Fonte.....	40
3. Homem ao mar	120

PARTE II

HOLLYWOOD

4. A fábrica de fé.....	199
5. Descartou o corpo.....	234
6. A serviço dos astros	276
7. O futuro é nosso.....	307
8. <i>Bohemian Rhapsody</i>	345
9. TC e COB.....	381

PARTE III

A PRISÃO DA FÉ

10. A investigação429

11. Tommy461

Epílogo493

Agradecimentos e uma explicação sobre as fontes509

Bibliografia.....518

Glossário524

Notas.....526

Índice remissivo578

1. O convertido

London, outrora conhecida por seus charutos e cervejarias, é uma cidade manufatureira a meio caminho entre Toronto e Detroit, na província canadense de Ontário. Em tributo à sua xará famosa, London tem um Covent Garden, uma Piccadilly Street e até um rio Tâmsa, que se bifurca ao redor do modesto e economicamente tenso centro da cidade. Situada numa bacia úmida, London é famosa pelo mau tempo. Tem verões incomumente quentes, invernos brutalmente frios, primaveras e outonos amenos mas brevíssimos. Seu filho mais famoso foi o *bandleader* Guy Lombardo, homenageado num museu da cidade que acabou fechando por falta de visitantes. London era um lugar difícil para um artista à procura de si mesmo.

Paul Haggis tinha 21 anos em 1975. Estava a caminho de uma loja de discos no centro de London quando encontrou um rapaz de cabelos compridos, muita lábia e olhar penetrante na esquina das ruas Dundas e Waterloo. Seu jeito tinha algo de exaltado e estranhamente inflexível. Chamava-se Kim Logan. Ele pôs um livro nas mãos de Haggis. “Você possui uma mente”,¹

disse Logan. “Este é o manual do proprietário.” E intimou: “Me dê dois dólares”.

O livro era *Dianética: o poder da mente sobre o corpo*, de L. Ron Hubbard, publicado em 1950. Quando Logan o empurrou a Haggis, o livro já vendera mais de 2 milhões de exemplares no mundo. Haggis abriu-o e viu uma página com as palavras “Igreja da Cientologia”.

“Leve-me até lá”, ele pediu a Logan.

Havia na época apenas um punhado de cientologistas em toda a província de Ontário. Por coincidência, Haggis tinha ouvido falar na organização alguns meses antes. Um amigo a chamara de culto. Haggis se interessou; cogitou na possibilidade de fazer um documentário sobre o assunto. Quando Haggis chegou à sede da igreja em London, o que viu não era nada parecido com um culto: dois moços num escritório instalado num cubículo acima de uma loja Woolworth de miudezas.

Ateu como era, Haggis desconfiou que quisessem arrastá-lo para um sistema formal de crença. Em resposta ao ceticismo, Logan lhe mostrou uma passagem de Hubbard que dizia:

A verdade é² aquilo que é verdade para você. Ninguém tem o direito de lhe impor dados, nem de lhe ordenar que acredite sob pena de ser castigado. Se não for verdade para você, não é verdade. Pense por si, aceite o que for verdade para você, descarte o resto. Não há nada mais deplorável que alguém que tenta viver em meio a um caos de mentiras.

Essas palavras soaram bem para Harris. Sem perceber, ele estava sendo atraído para a igreja por meio de um clássico “exercício de disseminação” em quatro etapas que os recrutadores treinavam meticulosamente. O primeiro passo é fazer contato, como Jim Logan fez com Haggis em 1975. O segundo consiste em

desarmar qualquer antagonismo que o indivíduo possa mostrar contra a cientologia. Feito isso, a tarefa é “descobrir a ruína”,³ ou seja, o problema que mais oprime a mente do recruta em potencial. No caso de Paul, era um romance turbulento. A quarta etapa é convencer a pessoa de que a cientologia tem a resposta. “Assim que o indivíduo⁴ toma consciência da ruína, você o faz compreender que a cientologia pode lidar com esse mal”, escreve Hubbard. “É no momento certo dessa etapa que [...] se deve conduzi-lo ao serviço mais apropriado para resolver o que ele precisa que seja resolvido.” A essa altura, o recruta em potencial se transforma oficialmente num cientologista.

Paul reagiu a cada etapa de um modo quase ideal. Ele e sua namorada fizeram um curso juntos e, pouco depois, tornaram-se “cientologistas qualificados por Hubbard”, um dos primeiros níveis do que a igreja chama de Ponte para a Liberdade Total.

Haggis nasceu em 1953, o primeiro de três filhos. Seu pai, Ted, tinha uma construtora especializada em obras de asfalto, calçada, meio-fio e sarjeta. Batizou sua empresa de Global, pois atendia a London e Paris, outra comunidade de Ontário localizada oitenta quilômetros a leste. Nos primeiros tempos da firma de Ted, a família morava numa casa pequena na área da cidade ocupada pelos brancos. London, por sua vez, dividia-se sectariamente. Os Haggis eram uma das poucas famílias católicas num bairro protestante, o que às vezes gerava confrontos, como a briga no pátio da escola que rendeu a Paul um nariz fraturado. Embora ele não se considerasse religioso, identificava-se como membro de uma minoria; já sua mãe, Mary, fazia questão de mandar Paul e as duas filhas mais novas, Kathy e Jo, à missa todo domingo. Um dia, ela viu o padre de sua igreja dirigindo um carro caro. “Deus quer que eu tenha um Cadillac”, o padre explicou. “Então

Deus não nos quer mais em sua igreja”, replicou Mary. Paul admirou a atitude da mãe; sabia quanto a religião significava para ela. Depois disso, a família parou de ir à missa, mas as crianças continuaram a estudar em escolas católicas.

A construtora de Ted prosperou e lhe permitiu comprar uma casa muito maior em sete hectares de pradaria ondulante fora da cidade. Ele tinha dois cavalos no estábulo, uma caminhonete Chrysler na garagem e tratores gigantescos no pátio que lembravam dinossauros pastando. Paul passava bastante tempo sozinho. Podia andar dois quilômetros para pegar o ônibus escolar sem ver ninguém pelo caminho. Sua tarefa era limpar as baias e os canis (Ted criava spaniels para competições caninas). Em casa, Paul era o centro das atenções, “a menina dos olhos da mãe”, lembrou seu pai. Mas era travesso e adorava pregar peças. “Levou umas cintadas quando tinha cinco anos”, contou Ted.

Por volta dos treze anos, Paul foi levado ao leito de morte de seu avô para se despedir. O velho fora zelador num estabelecimento de boliche e fugira da Inglaterra por causa de um escândalo misterioso. Ele parecia reconhecer em Paul uma qualidade perigosa semelhante. Suas últimas palavras para o neto foram: “Desperdicei minha vida. Não desperdice a sua”.

No ensino médio, Paul começou a se meter em encrencas. Seus pais, preocupados, mandaram-no para o Ridley College, um internato em St. Catharines, Ontário, próximo às cataratas do Niágara. Ali ele teve de entrar para o corpo de cadetes do Exército Real Canadense. Paul desdenhava das marchas e de quaisquer comportamentos regulados, e logo começou a faltar aos exercícios compulsórios. Ficava no quarto, lendo *Ramparts*, a revista radical que cobria as revoluções sociais então em curso nos Estados Unidos, onde ele gostaria de estar. Foi constantemente punido por suas infrações, até aprender sozinho a arrombar fechaduras. Passou então a invadir a sala do monitor para

apagar suas faltas. Essa experiência apurou seu incipiente talento para a subversão.

Depois de um ano nessa vida, seus pais o transferiram para um colégio progressista para rapazes chamado Musoska Lakes College, no norte de Ontário, onde havia pouquíssimo sistema para subverter. Apesar da denominação de colégio, tratava-se basicamente de uma escola preparatória. Os alunos eram incentivados a estudar o que desejassem. Paul descobriu um mentor em seu professor de artes, Max Allen, que era homossexual e radical político. Allen produzia um programa para a Canadian Broadcasting Company intitulado *As It Happens*. Em 1973, enquanto as audiências de Watergate aconteciam em Washington, Allen deixava que Paul se sentasse ao lado dele em seu cubículo na CBC conforme editava o depoimento de John Dean para a transmissão. Mais tarde, Allen abriu um pequeno cinema em Toronto para exibir filmes que haviam sido proibidos pelas draconianas leis de censura de Ontário. Paul trabalhava voluntariamente na bilheteria. Exibiram *The Devils*, de Ken Russell, e *O último tango em Paris*, de Bernardo Bertolucci. Para Ted, seu filho estava trabalhando num cinema pornô. “Eu fechava os olhos”, contou Ted.

Paul deixou a escola depois de ser flagrado forjando um cheque. Frequentou brevemente uma escola de arte e assistiu a algumas aulas de cinema numa faculdade comunitária, mas abandonou esses cursos também. Deixou crescer até os ombros seus cabelos louros cacheados. Começou a trabalhar na construtora de Ted em tempo integral, mas estava resvalando para um precipício. Nos anos 1970, London ganhou o apelido de “Speed City”,⁵ por causa dos laboratórios de metanfetamina que surgiram em profusão para atender ao seu florescente submundo. Drogas pesadas eram fáceis de obter. Dois amigos de Haggis morreram de overdose, e ele teve uma arma apontada para seu rosto algu-

mas vezes. “Eu era um *bad boy*”, ele admitiu. “Não matei ninguém. Não foi por falta de tentativa.”

Ele também trabalhou como diretor de cena num teatro de 99 lugares que seu pai montou numa igreja abandonada para uma de suas filhas, que era louca por teatro. Nas noites de sábado, Paul desmontava o cenário da peça que estava sendo encenada e instalava um telão. Desse modo ele iniciou a si mesmo e à pequena comunidade cinéfila de London nas obras de Bergman, Hitchcock e da *nouvelle vague* francesa. Ficou tão impressionado por *Blow-Up*, de Michelangelo Antonioni, que em 1974 decidiu se tornar fotógrafo de moda na Inglaterra, como o protagonista do filme. Esse projeto durou menos de um ano, mas ao regressar ele ainda trazia uma Leica a tiracolo.

De volta a London, Ontário, ele se apaixonou por uma estudante de enfermagem, Diane Guettas. Foram dividir um apartamento de um cômodo abarrotado com os livros sobre cinema de Paul. Na época ele se considerava “um solitário, um artista e um iconoclasta”. Suas notas eram baixas demais para que fosse admitido na universidade. Ele percebia que estava sem rumo. Se dispunha a mudar, mas não sabia como.

Esse era o estado de espírito de Paul Haggis quando entrou para a Igreja da Cientologia.

Como todo cientologista, quando Haggis se filiou à igreja, deu os primeiros passos no pensamento de L. Ron Hubbard. Leu sobre a vida aventureira de Hubbard: suas andanças pelo mundo, seu comando de expedições arriscadas, sua autocura de lesões de guerra incapacitantes através das técnicas que ele depois desenvolveria na dianética. Hubbard não era um profeta, como Maomé, nem divino, como Jesus. Não recebera a visita de um anjo trazendo placas de revelações, como Joseph Smith, o fundador do mormonismo. Os cientologistas acreditam que Hubbard tenha descoberto as verdades existenciais que compõem sua doutrina através de

muito estudo. Dessa perspectiva, ela é “ciência”. Esse aparente racionalismo atraiu Haggis. Fazia tempo que ele se afastara da religião em que fora criado, mas continuava à procura de um modo de expressar seu idealismo. Era importante para ele o fato de a ciência não exigir a crença num deus. Mas a figura de L. Ron Hubbard pairava sobre a religião de modos sugestivos. Ele não era exatamente venerado, mas sua imagem e seu nome estavam por toda parte, como o monarca absoluto de um pequeno reino.

Parecia haver dois Hubbards na igreja: um, a autoridade deiforme cujos textos eram considerados escrituras; outro, a figura avuncular que Haggis via nos vídeos de treinamento e que lhe parecia sarcástica e rica em autoironia. Essas eram qualidades que Haggis também possuía em alto grau, e lhe inspiraram confiança no homem que ele acabou por aceitar como seu guia espiritual.

Ainda assim, Haggis sentia-se pouco entrosado, devido à ausência de ironia entre seus companheiros cientologistas. A incapacidade de rirem de si mesmos parecia contrastar com a personalidade de Hubbard. Ele não parecia arrogante nem devoto; era como o herói arrojado e piadista de um filme B, que já vira de tudo e tudo sacava. Quando Haggis tinha dúvidas sobre a religião, refletia assistindo aos filmes de dezesseis milímetros das palestras preferidas por Hubbard nos anos 1950 e 1960, o que fazia parte do processo de doutrinação da igreja. Hubbard estava sempre rindo consigo mesmo, admirado com alguma observação casual que acabara de lhe ocorrer, dando uma piscadela para o público como a sugerir que não o levassem muito a sério. Bastava que abrisse a boca e novas ideias jorravam, acotovelavam-se na corrida para se fazerem conhecidas pelo mundo. Com frequência eram triviais e desconexas, mas também cheias de referências obscuras, eruditas e carregadas de uma impressão de originalidade e propósito. “Um belo dia, você entra⁶ e diz ‘Sou o senescal’”, comenta Hubbard numa de suas características digressões,

e um cavaleiro, com esporas de cinquenta centímetros, ali plantado — *unf!* — diz: “Sou eu quem abre as portas deste castelo, faço isso há muito tempo, e sou um servidor de toda confiança”. [...] Ele garante que é o senescal, mas ninguém lhe paga os salários, e coisa e tal [...] Ele era alguém antes de se tornar senescal. Agora que é senescal, tornou-se um ninguém, até que por fim ele sai, arranja um chapéu na rua e começa a estendê-lo pedindo filé de peixe com fritas para os passantes, sabe como é [...] ele diz “Sou alguma coisa, sou mendigo”, mas isso sempre é alguma coisa. Aí chega a polícia do estado de Nova York, ou alguém, e lhe diz — estou misturando um pouco os períodos, mas dizem a ele — “Não vê que não pode mendigar na via pública sem a licença número 603-F?” [...] E então ele passa fome, morre de inanição, e ali jaz

[...] Agora ele é alguém, é um cadáver, mas não está morto, ele é meramente um cadáver [...] Percebeu? Mas ele passa por sequências de se tornar ninguém, alguém, ninguém, alguém, ninguém, alguém, ninguém, não necessariamente numa espiral declinante. Algumas pessoas chegam ao ponto de ser um sujeito feliz. Vocês conhecem a história do sujeito feliz — não vou contar —, ele não tinha nem camisa.

E, justamente quando essa parábola nebulosa começa a resvalar para a incoerência, Hubbard chega ao X da questão: uma pessoa não é o que ela faz, nem mesmo o corpo que ela habita naquele momento. A principal descoberta da cientologia é que o ser é eterno; ele é o que Hubbard denomina “thetan”. “Esse sujeito, em outras palavras, era alguém até começar a identificar sua *beingness* [existência, no jargão da cientologia] com uma coisa [...] Nenhuma dessas *beingnesses* é a pessoa. A pessoa é o than.”

“Ele tinha uma vivacidade espantosa”, recordou Haggis. “A cara lavada com que ele gracejava e sua percepção de si mesmo pareciam dizer ‘Sim, eu sei muito bem que posso estar louco, mas também posso ter entendido as coisas’.”

O ardor cego que encorajava tantos membros da igreja provinha da crença de que eles eram a vanguarda da luta para salvar a humanidade. “Uma civilização sem insanidade,⁷ sem criminosos e sem guerra, onde os aptos podem prosperar e os honestos podem ter direitos, e onde o homem é livre para se elevar a grandes alturas: esses são os objetivos da cientologia”, escreve Hubbard. Essas finalidades empolgantes atraíam jovens idealistas, como Haggis, para as fileiras da igreja.

A fim de promover esses objetivos sublimes, Hubbard desenvolveu uma “tecnologia” para o indivíduo alcançar a liberdade espiritual e descobrir a si mesmo como um ser imortal. “A cientologia funciona 100%⁸ das vezes quando é aplicada do modo

apropriado a uma pessoa que deseja sinceramente melhorar sua vida”, declara uma publicação da igreja. Essa garantia se baseia na premissa de que, por meio de estudos minuciosos, Hubbard chegara ao perfeito entendimento da natureza humana. O indivíduo não deve se desviar do caminho que ele traçou nem questionar seus métodos. A ciétiologia é exata. A ciétiologia é infalível. Passo a passo, o indivíduo pode ascender à clareza e ao poder, tornar-se mais ele mesmo — porém, paradoxalmente, também mais como Hubbard. A ciétiologia é a geografia da mente de Hubbard. Talvez nenhum indivíduo na história tenha feito tamanha sondagem interior e descrito com tanta lógica e minúcias o funcionamento íntimo de sua própria mentalidade. O método exposto por Hubbard criou um mapa conducente ao seu próprio eu ideal. Os hábitos de Hubbard, sua imaginação, seus objetivos e desejos — seu caráter, em outras palavras — se tornaram a base e o destino da ciétiologia.

Em segredo, Haggis não respeitava Hubbard como escritor. Não conseguiu, por exemplo, ler *Dianética* até o fim. Leu umas trinta páginas e pôs de lado. Já os cursos da ciétiologia lhe deram uma sensação de realização. Em 1976 ele viajou para Los Angeles, o centro do universo da ciétiologia, e se hospedou no Château Élysée, um hotel antigo na Franklin Avenue. Clark Gable e Katharine Hepburn, entre muitos outros astros, haviam sido hóspedes ali, mas quando Haggis chegou o prédio era um decrépito retiro da igreja, chamado Manor Hotel.* Ele ocupou um pequeno apartamento com uma cozinha, onde podia escrever.

Havia na época cerca de 30 mil ciétiologistas nos Estados Unidos. Brancos, urbanos,⁹ de classe média em sua maioria, e predominantemente na casa dos vinte anos. Muitos deles, espe-

* Foi depois espetacularmente reformado e se transformou no principal Centro de Celebriidades da ciétiologia.

cialmente em Los Angeles, trabalhavam com artes visuais ou cênicas. Em outras palavras, pareciam-se muito com Paul Haggis. Ele imediatamente se tornou parte de uma comunidade num local onde o isolamento era uma grande possibilidade. Pela primeira vez na vida, teve a sensação de companheirismo e entrosamento com pessoas bem semelhantes a ele: “uma porção de ateus à procura de algo em que acreditar, e de andarilhos à procura de um clube para se filiar”.

Em 1977, Haggis voltou para o Canadá. Foi novamente trabalhar para seu pai, que percebeu que o filho estava em dificuldades. Ted Haggis perguntou o que ele queria fazer na vida. Haggis respondeu que queria ser escritor. O pai ponderou: “Bem, existem apenas dois lugares para fazer isso, Nova York e Los Angeles. Escolha um, e eu o manterei na folha de pagamento durante um ano”. Paul escolheu Los Angeles, porque era o coração do mundo do cinema. Logo após essa conversa com o pai, Haggis e Diane Gettas se casaram. Dois meses depois, carregaram seu Camaro marrom e partiram para Los Angeles. Foram morar num apartamento com o irmão de Diane, Gregg, e outras três pessoas. Paul arrumou emprego de carregador numa firma de mudanças. Nos fins de semana, fotografava para álbuns escolares. À noite, escrevia roteiros como freelance numa mesa de desenho de segunda mão. No ano seguinte, Diane deu à luz a primeira filha do casal, Alissa.

A cientologia tinha um ar de frivolidade e diversão em meados dos anos 1970, quando Haggis chegou a Los Angeles. Era vista como uma religião descolada, da moda, voltada especialmente para as necessidades de artistas e profissionais do entretenimento. A contracultura ainda prosperava naquela década, e a cientologia ao mesmo tempo era parte e se diferenciava dela.

Dizia-se que “depois das drogas¹⁰ há a cientologia”, e era verdade que muitos dos que se deixavam atrair pela religião tinham usado alucinógenos e eram receptivos a realidades alternativas. Os recrutas pressentiam possibilidades ilimitadas. Havia prognósticos de poderes místicos e de experiências extracorpóreas, sem falar nas revelações dos segredos fundamentais do universo.

Haggis fez amizade com outros cientologistas que também almejavam o sucesso em Hollywood. Um deles era Skip Press, escritor e músico que trabalhava no Centro de Celebidades, a cabeça de ponte da igreja na indústria do entretenimento. Como muitos jovens recrutas, Press acreditava que a cientologia lhe dera poderes sobre-humanos;¹¹ por exemplo, ele achava que, quando entrava no estado mental certo, era capaz de acionar a luz verde no

Paul Haggis de férias em Antigua em 1977, ano em que entrou para a Igreja da Cientologia.

sinal de trânsito. Ele e Haggis formaram um grupo de autoajuda informal com outros aspirantes a escritor. Reuniam-se num ponto de encontro de cientologistas defronte ao Centro de Celebidades chamado Two Dollar Bill's, e lá se dedicavam a criticar os trabalhos dos membros do grupo e a fazer planos para progredir.

Esse grupo informal de escritores acabou atraindo a atenção de Yvonne Gillham, a carismática fundadora do Centro de Celebidades. Naturalmente carinhosa e dinâmica, Gillham era a candidata ideal para conquistar o tipo de artistas e formadores de opinião que Hubbard procurava para exibir em sua religião. A ex-diretora de jardim de infância organizava festas, saraus de poesia, seminários e bailes. Chick Corea e outros músicos associados à igreja costumavam tocar nesses eventos. Gillham convenceu Haggis e seu círculo a fazerem suas reuniões no Centro de Celebidades, e os enredou em sua teia.

Haggis e um amigo do clube dos escritores por fim conseguiram um trabalho: escrever roteiros de desenho animado para a Ruby-Spears Production. Começaram com uma série de curta duração intitulada *A turma do Abobrinha*, em seguida escreveram *Lorde Gato*. Depois disso, Haggis continuou no ramo e escreveu *Riquinho* e *Scooby-Doo* para a Hanna-Barbera. Comprou uma máquina de escrever IBM Selectric de segunda mão. Sua carreira começou lentamente a progredir.

Um dia, um abastado plantador de morangos de Vancouver se apresentou a Haggis e Skip Press no Centro de Celebidades dizendo que queria produzir a história da vida de L. Ron Hubbard. Ofereceu 15 mil dólares por um roteiro. Press recusou, mas Haggis aceitou o dinheiro. Ele se lembra de que tinha em mente despertar no plantador de morangos o interesse por um roteiro de filme de terror. Nunca chegou a escrever o roteiro sobre Hubbard, e por fim devolveu toda a quantia. Mas, na opinião de Press, foi com isso que a carreira de Haggis começou a acelerar. “O

dinheiro permitiu a Paul circular, fazer contatos e desenvolver sua carreira. Logo eu soube que Paul estava contratando um agente.” Suas ligações com a cientologia estavam dando frutos.

Haggis gastava bastante tempo e dinheiro fazendo cursos avançados e sendo “auditado”, uma espécie de psicoterapia da cientologia que envolve o uso de um eletropsicômetro, ou “E-meter”. O aparelho usa¹² a resistência elétrica para medir mudanças no corpo que ocorrem quando a pessoa responde a perguntas feitas por um auditor. Hubbard o comparava a um detector de mentiras. O E-meter alicerçava a pretensão da igreja de ser um caminho científico para a descoberta espiritual. Hubbard afirmou que o dispositivo “permite ao homem¹³ um primeiro olhar dentro da cabeça e do coração de seus semelhantes”, e acrescentou que a cientologia elevava o QI de algumas pessoas em um ponto para cada hora de audição. “Nosso feito mais espetacular¹⁴ foi elevar o QI de um rapaz de 83 para 212”, ele se jactou numa ocasião para o *Saturday Evening Post*.

A teoria da audição diz que esse processo permite localizar e descarregar “massas” mentais que estejam bloqueando o fluxo de energia. Ideias e fantasias não são imateriais: têm peso e solidez. Podem se arraigar na mente sob a forma de fobias e obsessões. A audição fragmenta as massas que ocupam a “mente reativa”, como diz Hubbard, que é onde residem os medos e as fobias. O E-meter supostamente¹⁵ mede as mudanças nessas massas. Quando a agulha do medidor se move para a direita, indica aumento na resistência; para a esquerda, aponta diminuição. O auditor sistematicamente faz perguntas destinadas a detectar fontes de “sofrimento espiritual” — problemas no trabalho ou num relacionamento, por exemplo. Sempre que o cliente, chamado de *preclear* [“pré-limpo”, em tradução livre], dá uma resposta que

provoca um salto na agulha, o tema se torna uma área de concentração até que o auditor se convença de que as consequências emocionais da experiência perturbadora se esvaíram. Certos padrões de movimento da agulha, como súbitos saltos ou movimentos bruscos, quedas longas em contraste com curtas etc., também têm significados. O auditor tenta conduzir o *preclear* na “cognição” do assunto examinado, o que produz uma “flutuação” da agulha. Isso não significa necessariamente que a agulha está congelada. “A agulha apenas fica¹⁶ em marcha lenta e boceja com nossas perguntas”, explica Hubbard. O indivíduo deve experimentar uma sensação correspondente de libertação. Por fim, a mente reativa é purificada de suas obsessões, medos e impulsos irracionais, e o *preclear* se torna *clear*.*

* Hubbard algumas vezes depreciou o uso do termo “detector de mentiras” associado ao E-meter. “Em primeiro lugar, ele não detecta mentiras, e em segundo a polícia conhece muito pouco sobre a mente humana para saber se seu instrumento realmente foi preciso. Tais instrumentos deveriam ser chamados de ‘detectores emocionais’” (Hubbard, “Electropsychometric auditing operator’s manual”, 1952). Segundo David S. Touretsky, professor e pesquisador de ciência da computação na Universidade Carnegie Mellon (e destacado crítico da ciéto-logia), os chamados “pensamentos são, na verdade, padrões fugazes de atividade química e elétrica em nosso cérebro”, e não possuem massa. “O aparelho medidor é mais um acessório ou talismã que um instrumento aferidor. Interpretar movimentos de uma agulha é como ler folhas de chá. Um bom vidente capta uma porção de pistas subliminares que lhe permitem ‘ler’ seu cliente enquanto as folhas de chá dão a este alguma coisa em que se concentrar. E o cliente está interessadíssimo em acreditar que o auditor e o medidor são eficazes, de modo que o sistema se reforça mutuamente.” O E-meter mede a resistência da pele, como um detector de mentiras. “Reações emocionais fortes causam realmente mudanças na tensão muscular ou microtremores nos dedos que também acarretam mudanças na corrente que flui para o medidor; portanto ele não está puramente medindo as mudanças fisiológicas associadas à resistência da pele como um verdadeiro detector de mentiras faria. (E os verdadeiros detectores de mentira também levam em conta outras variáveis, como a pulsação e o ritmo respiratório).” (David Touretsky, correspondência pessoal).

Haggis se impressionou com a sensibilidade do E-meter. Segurava um eletrodo cilíndrico em cada mão. (Na época em que ele se filiou à cientologia, os eletrodos eram latas de sopa Campbell's vazias e sem rótulo.) Uma carga elétrica imperceptível saía do aparelho e percorria seu corpo. O medidor parecia capaz de aferir o tipo de pensamento que ele estava tendo, fosse assustador ou feliz, ou acusar se ele estivesse escondendo alguma coisa. Era de arrepiar. O auditor geralmente procurava detectar o que os cientologistas chamam de “similares anteriores”. Se Paul tivesse brigado com Diane novamente, por exemplo, o auditor perguntava “Você se lembra de algum momento no passado em que algo parecido ocorreu?”. Cada nova recordação levava a mais uma regressão no tempo. O objetivo era trazer à tona e neutralizar as memórias emocionais que estavam prejudicando o comportamento de Paul.

O processo frequentemente levava os participantes a recordar vidas passadas. Embora para Haggis isso nunca houvesse acontecido, ele invejava outras pessoas que pareciam ter vívidas lembranças de tempos antigos ou civilizações distantes. Seria o máximo ter tido muitas vidas anteriores, ele pensava. Não ficaria mais fácil enfrentar a morte?

A cientologia não é só uma questão de crença, dizia-se constantemente aos recrutas; é um processo científico minucioso que os ajudará a superar suas limitações e a realizar todo o seu potencial para a grandeza. Só a cientologia pode acordar os indivíduos para a ditosa verdade de sua condição imortal. Só a cientologia pode salvar a humanidade de sua inevitável ruína. Incutia-se nos recrutas uma sensação de mistério, propósito e fascínio. A vida dentro da cientologia era muito mais excitante que a vida lá fora.

Os *preclears* às vezes vivenciam estados místicos caracterizados por um sentimento de bem-aventurança ou pela sensa-

ção de se fundir com o universo. Passam a esperar tais fenômenos, e anseiam por eles quando não ocorrem. A “exteriorização”, isto é, a sensação de que se deixou o corpo físico, é comumente relatada por cientologistas. Se a consciência pode se desarraigar do corpo físico e se deslocar à vontade, o que isso significa para a mortalidade? Só podemos ser algo mais que uma mera encarnação física, alguma outra coisa além disso; somos, na verdade, thetans, na terminologia de Hubbard, seres espirituais imortais que encarnaram inúmeras vezes. Hubbard dizia que metade dos *preclears* podia vivenciar a exteriorização mediante um simples comando do auditor: “Esteja a um metro¹⁷ de sua cabeça”. Livre das limitações¹⁸ do corpo, o thetan pode vaguear pelo universo, circundar estrelas, passear em Marte e até criar universos totalmente novos. A realidade se expande para muito além do que o indivíduo originalmente percebia. O objetivo supremo¹⁹ da audição não é só libertar a pessoa de fenômenos mentais destrutivos, e sim emancipá-la das leis da matéria, energia, espaço e tempo — ou MEST, na denominação de Hubbard. Essas coisas são apenas artefatos da imaginação do thetan, de qualquer modo. Thetans entediados haviam criado universos MEST onde podiam se divertir e brincar; acabaram depois tão envolvidos com suas distrações que esqueceram sua verdadeira natureza imortal. Identificaram-se com os corpos que estavam habitando temporariamente, num universo que haviam inventado para se entreter. O objetivo da cientologia²⁰ é relembrar o thetan de sua imortalidade e ajudá-lo a se livrar das limitações que ele mesmo se impôs.

Numa ocasião, Haggis teve o que julgou ser uma experiência extracorpórea. Deitado no sofá, de repente ele se viu do outro lado da sala, observando a si mesmo deitado. A experiência de estar fora do corpo não foi grande coisa, e mais tarde ele se perguntou se não teria simplesmente imaginado a cena. Não tinha a

mesma certeza que seus colegas relatavam quando falavam sobre ver objetos atrás de si ou em lugares e épocas distantes.

Em 1976, no Manor Hotel, Haggis se tornou *clear*. O local é o acampamento-base para todos os que esperam ascender aos cumes superiores da cientologia. O conceito provém de *Dianética*. O indivíduo que se torna *clear* é “adaptável ao seu ambiente e capaz de mudá-lo”, escreve Hubbard. “Seus padrões éticos e morais são elevados, sua capacidade de buscar e sentir prazer é grande. Sua personalidade é intensificada, e ele é criativo e construtivo.” Entre outras qualidades,²¹ o *clear* tem memória perfeita e capacidade de executar tarefas mentais com rapidez sem precedentes, é menos suscetível a doenças e livre de neuroses, compulsões, repressões e doenças psicossomáticas. Hubbard resume: “o *clear* dianético está²² para um indivíduo normal assim como o normal está para o gravemente insano”.

Haggis foi o *clear* nº 5925. “Não mudou minha vida”, ele admite. “Não teve nada de ‘Nossa, eu posso voar!’.” A cada nível de progresso, ele era incentivado a escrever uma “história de sucesso”, contando como seu treinamento fora eficaz. Ele havia lido muitas histórias desse tipo escritas por outros cientologistas, e elas pareciam extraordinariamente efusivas, criadas com o intuito de permitir ao estudante passar pelos guardiões dos portões de entrada para o nível seguinte.

A Ponte para a Liberdade Total é uma jornada que prossegue sempre (embora, confusamente, na metáfora da cientologia o indivíduo “suba cada vez mais” na Ponte, em vez de atravessá-la). Haggis avançou depressa nos níveis superiores. Estava se tornando um *operating thetan*²³ (OT, *thetan operante*), que a igreja define como alguém “capaz de lidar com as coisas e existir sem o apoio e a assistência do físico”. Um editorial numa edição de 1958

da revista *Ability*, publicada pela cientologia, salienta que “nem Buda nem Jesus Cristo²⁴ foram OT, segundo as evidências. Eles estiveram apenas ligeiramente acima do *clear*”.

Quando Haggis entrou para a igreja, havia sete níveis de thetans operantes. Segundo documentos da igreja que vazaram na internet, entre as instruções manuscritas de Hubbard para o thetan operante nível I estão treze exercícios mentais que sintonizam os praticantes em seu relacionamento com as pessoas. As diretrizes para os OT I são tão imprecisas que pode ser difícil saber se produziram resultados satisfatórios. “Perceba vários corpos masculinos grandes²⁵ e vários corpos masculinos pequenos até ter uma cognição”, por exemplo; ou “Sente-se discretamente onde possa observar várias pessoas. Identifique coisas e pessoas que você não é. Faça até a cognição”. O objetivo é se familiarizar com o ambiente da perspectiva de ser um *clear*.

No segundo nível, OT II, os cientologistas procuram apagar “implantes” de vidas passadas que tolhem o progresso na existência atual. Isso é feito com exercícios e visualizações que exploram forças opostas: “O riso vem da metade²⁶ posterior e a calma, da metade frontal simultaneamente. E então se invertem. Isso dá uma sensação de total discordância. O truque é conceber os dois simultaneamente. Isso tende a deixar o sujeito morto de cansaço”.

Cada novo nível conquistado marcava a entrada numa fraternidade espiritual mais seleta. Haggis não teve nenhuma reação forte ao material apresentado, mas não estava mesmo esperando nada profundo. Todo mundo sabia que as grandes revelações estavam em OT III.

Hubbard chamava esse nível de Muralha de Fogo.

“O material envolvido²⁷ nesse setor é tão maligno que está cuidadosamente organizado para matar qualquer um que descubra a exata verdade que ele contém”, escreveu Hubbard em 1967. “Por isso, em janeiro e fevereiro deste ano eu adoeci gravemente, quase

perdi este corpo, mas dei um jeito de obter o material e sobreviver a tudo aquilo. Tenho plena certeza de que fui o primeiro a sair vivo depois de uma tentativa de conseguir esse material.”

Em fins dos anos 1970 os mistérios dos OTs continuavam desconhecidos, exceto para os eleitos. Não existia internet, e as escrituras confidenciais da cientologia nunca haviam sido publicadas nem apresentadas em tribunal. Os cientologistas, curiosíssimos, ansiavam pelo momento da iniciação como OT III. O candidato tinha de ser convidado para esse próximo nível; os cientologistas eram alertados de que o material poderia causar mal ou até matar quem estivesse despreparado para recebê-lo. O segredo imposto aumentava o mistério e a vertiginosa sensação de aventura.

Podemos analisar esse momento crucial e os prós e contras da decisão de Haggis de permanecer na cientologia. O fato de muita gente escarnecer da igreja não o dissuadiu; ao contrário, ele se deleitava em ser membro de uma minoria estigmatizada; assim, ele sentia que tinha algo em comum com outros grupos marginalizados. O principal obstáculo à crença era seu próprio ceticismo; ele se orgulhava de ser do contra, e nunca lhe ocorreria entrar para a igreja batista, por exemplo, ou voltar ao catolicismo. Ele não estava nem um pouco interessado. Intelectualmente, a fé não tinha atrativos para ele. Já a cientologia era exótica, misteriosa. A esquisitice de algumas das doutrinas era difícil de entender, mas na mente de Haggis não havia dúvida de que ele obtivera alguns benefícios práticos em seus vários anos de audição, e de que sua habilidade de comunicação melhorara graças a certas atividades do curso. Nada disso exigira que ele “acreditasse” na cientologia, mas a religião se mostrara válida em certos aspectos que para ele eram importantes. O processo de indução foi tão gradual que coisas que antes poderiam lhe causar repulsa foram mais aceitáveis na época em que lhe foram apresentadas. Sempre que ele se deparava com algo na Ponte

para a Liberdade Total que não conseguia entender, convencia-se de que o nível seguinte tornaria tudo compreensível.

A cientologia era parte de sua comunidade; criara raízes em Hollywood, assim como Haggis. Os primeiros trabalhos que ele conseguira como escritor se deviam a contatos da cientologia. Sua mulher estava profundamente envolvida com a igreja, e o mesmo acontecia com sua irmã Kathy. Seu círculo de amizades tinha por centro a igreja. Haggis, a essa altura, mergulhara no processo o suficiente para entender implicitamente que tais relações estariam em risco se ele decidisse deixar a igreja. Além do mais, ele tinha investido uma parte considerável de sua renda no programa. O incentivo para crer era grande.

Ele estava ansioso também para obter certas habilidades especiais, tão comentadas por seus colegas no caminho da Ponte. Embora Hubbard ordenasse explicitamente aos thetans operantes que não usassem seus poderes para “truques de entretenimento”,²⁸ na revista *Advance!*, destinada aos cientologistas dos níveis superiores, havia uma seção intitulada “Fenômenos OT”²⁹ na qual os membros podiam relatar experiências clarividentes ou paranormais. Vagas em estacionamentos se tornavam disponíveis por mágica, e garçons notavam imediatamente a entrada do OT. “Vi que meu peixe dourado estava vermelho e cheio de calombos”, escreve uma cientologista em *Advance!*. “Meu marido, Rick, disse que tivera peixes dourados com esse problema antes, e que não se recuperavam.” A correspondente conta como usou suas habilidades para “levar energia” ao peixe “até que houve uma grande explosão de matéria. Parei. Quando voltei para casa à noite, o peixe estava completamente curado”. Ela conclui: “Foi uma grande vitória para mim e para o peixe. Não poderia ter sido feito sem a tecnologia de L. Ron Hubbard”. Mesmo que tais efeitos fossem aleatórios e difíceis de replicar, para quem os vivenciava a vida se tornava subitamente cheia de possibilida-

des. Davam uma sensação de entrar numa esfera de transcendência, onde as mentes se comunicavam através de grandes distâncias, onde os desejos e intenções afetavam objetos materiais ou levavam pessoas a obedecer inconscientemente a ordens telepáticas, e onde espíritos de outras eras e até de outros mundos se davam a conhecer.

“Um ser theta é³⁰ capaz de emitir um considerável fluxo eletrônico”, observa Hubbard, “suficiente para dar um choque fortíssimo em alguém, fazer saltar seus olhos ou cortá-lo ao meio.” Até ações corriqueiras impõem dilemas inesperados ao OT, alerta Hubbard. “Como, sendo um OT,³¹ você fala ao telefone?”, ele indaga numa de suas palestras. “Suponha que você se irrite com a pessoa do outro lado da linha. Você se inflama! E não há isolante elétrico que chegue. Ou a coisa é reduzida a uma névoa de poeira no ar ou escorre pelo chão.” A fim de evitar o esmagamento de telefones com sua força incalculável, o OT providencia uma ação automática para que não precise pegar o receptor. “O telefone toca, salta³² no ar, e ele fala. Em outras palavras, por uma intenção involuntária, o telefone paira no ar.” A promessa de servir-se de tais poderes era fascinante.

Levando uma pasta vazia, Haggis foi ao prédio da Advanced Organization em Los Angeles, onde ficava o material dos OT III. Um supervisor lhe entregou um envelope de papel manilha. Haggis trancou-o na pasta, que foi atada ao seu braço. Em seguida, entrou numa sala de estudo segura e trancou a porta. Até que enfim ele poderia examinar os mais elevados mistérios da religião, revelados em algumas páginas na caligrafia de Hubbard. Depois de uns minutos, Haggis voltou ao supervisor.

“Não entendi”, disse Haggis.

“Conhece as palavras?”

“Conheço as palavras, mas não entendi.”

“Volte e releia”, sugeriu o supervisor.

Haggis seguiu o conselho. Dali a pouco, voltou. “É uma metáfora?”, perguntou.

“Não”, respondeu o supervisor. “É o que é. Execute as ações requeridas.”

Talvez seja um teste de sanidade, Haggis pensou. Se você acreditar, será automaticamente expulso. Ele refletiu sobre essa possibilidade. Mas, quando tornou a ler, decidiu: “Isto é loucura”.